

ORQUESTRA SINFÔNICA JOVEM DA UFPB

ROCHA JÚNIOR¹, Geraldo Dias da
RODRIGUES², Vanessa de Sousa Santos
SILVA³, Luceni Caetano da
SILVA⁴, Maria da Conceição
SOUZA⁵, Hermeson Praxedes de

Centro de Comunicação, Turismo e Artes – Departamento de Música – Probex.

A Orquestra Sinfônica Jovem da UFPB é um projeto de extensão desenvolvido pelo Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo principal é oferecer aos seus alunos dos cursos de extensão, Bacharelado e Licenciatura em Música uma prática de orquestra, estimulando nesse público o prazer e o gosto pelo instrumento musical escolhido. A orquestra tem servido de laboratório para a prática de orquestra dos alunos de instrumento da graduação do Bacharelado e da Licenciatura em Música. Assim como, aos alunos de composição que apresentam seus arranjos, feitos especificamente para a orquestra. E aos alunos de regência que exercitam também a prática de regência. A Orquestra tem sido a primeira orquestra escola de inúmeros músicos que hoje integram as orquestras da Paraíba e de diversos Estados do país. Alguns fizeram carreira internacional, tocam nas orquestras da Europa e dos Estados Unidos. Enfim, dos ex-integrantes da orquestra temos: desde os que estão iniciando no Bacharelado em Música, até os que já terminaram o Doutorado e estão ensinando nas instituições de ensino superior da Paraíba e do País.

Palavras-Chave:

Orquestra, Instrumentação musical, Educação Musical.

INTRODUÇÃO

A Orquestra foi criada em 1979, pela prof^a Norma Romano. Em virtude da aposentadoria da professora, em 1997, a orquestra ficou sob a coordenação do professor Guillermo Campos e a colaboração da professora Luceni Caetano. Nessa época iniciou-se uma nova fase da orquestra, formada por alunos iniciantes nos instrumentos e com a idade entre os 9 e 12 anos, a orquestra passou para categoria de Orquestra Infantil. Com a aposentadoria do Prof^o. Guillermo Campos, em 1999, a professora Luceni Caetano

¹ Professor Colaborador do projeto, ocupa a função de Regente da orquestra. Professor do Bacharelado em Música da UFPB.

² Discente colaboradora do projeto e aluna do Bacharelado em Música da UFPB.

³ Professora Coordenadora do projeto. Professora do Bacharelado em Música e do Programa de Pós-Graduação em Música do Departamento de Música da UFPB.

⁴ Discente colaboradora do projeto é Bacharel em Música e Licencianda em Música da UFPB.

⁵ Discente bolsista do projeto e aluno do Bacharelado em Música da UFPB.

assumiu a coordenação da Orquestra, a qual passou a ser um projeto de extensão universitária com bolsistas e voluntários do Probex.

Em 2000, a orquestra passou novamente para a categoria de Orquestra Infanto-Juvenil, formada por 64 alunos, alcançou o topo de maior orquestra de alunos de extensão que o Departamento de Música já havia formado até o momento, tanto em número de integrantes quanto em número de instrumentos que compõem uma orquestra profissional. Apesar da rotatividade de alunos na orquestra, este mesmo grupo permaneceu até o ano de 2003. Nos últimos quatorze anos, a orquestra passou pelas categorias de Orquestra Infantil, Orquestra Infanto-Juvenil, Orquestra Juvenil e hoje Orquestra Sinfônica Jovem, onde passaram inúmeros alunos dos quais, hoje vivem profissionalmente da música.

DESENVOLVIMENTO

Como justificativa para este projeto se evidencia a dificuldade que se tem de estudar música nas escolas, e ao mesmo tempo, de mostrar o privilégio que a UFPB tem, em ter um Departamento de Música que pode oferecer para comunidade, em nível de extensão e graduação, o estudo de todos os instrumentos musicais que compõem uma orquestra, incluindo os que não compõem, como, piano, violão, canto, guitarra, acordeom, teclado, baixo elétrico. Sendo o único Departamento de música no país, onde se oferece o ensino de todos os instrumentos de orquestra, é de fundamental importância que se tenha uma prática de orquestra desde o início dos seus estudos, principalmente para estimular os alunos no seu instrumento escolhido. Atualmente a orquestra conta com um total de 50 alunos, entre eles, alunos dos cursos de extensão e da graduação, do Bacharelado e Licenciatura em Música, dos Departamentos de Música e do Departamento de Educação musical, respectivamente. A orquestra está sendo um laboratório para os alunos da graduação, onde realizam suas práticas de orquestra. Desenvolver um trabalho de educação musical e de prática orquestral com esses alunos, por si só, já justifica a importância e a necessidade desse projeto. Além disso, não podemos deixar de ressaltar a contribuição que a Orquestra Sinfônica Jovem tem dado na divulgação da música instrumental junto à comunidade em geral. Nesse sentido o projeto tem funcionado como um laboratório em que as vocações são fortalecidas e incentivadas através de um trabalho que oferece uma base sólida para a formação musical.

Para uma fundamentação teórica levamos em consideração a importância do ensino de música nas escolas, faremos um breve relato histórico sobre esse ensino no Brasil e na Paraíba a partir da década de 1930. Quando no Rio de Janeiro inicia todo o processo do grande projeto de canto orfeônico criado por Villa-Lobos, em 8 de abril de 1931, Gazzi de Sá, nosso educador musical paraibano, mantinha contato com Villa-Lobos e também já iniciava esse processo. Na Paraíba é decretado o Canto orfeônico em 26 de abril de 1932. No Rio de Janeiro foi criado o SEMA (Superintendência de Educação Musical e Artística) junto com o decreto de obrigatoriedade de música nas escolas, era o órgão responsável pela supervisão, orientações e programações dadas aos professores para o ensino de música nas escolas, tendo como Superintendente Villa-Lobos. Na Paraíba foi criado em 1935, um pouco mais tarde, o SEA (Superintendência de Educação Artística), que tinha as mesmas funções do SEMA e o Superintendente era Gazzi de Sá, que supervisionava pessoalmente todas as escolas e fazia as concentrações orfeônicas dos alunos na Praça João Pessoa. Após seu grande empenho em dedicação à música em seu Estado, Gazzi de Sá saiu da Paraíba em 1947, para ensinar no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico do Rio de Janeiro (SILVA, 2006). As concentrações orfeônicas na Paraíba aconteceram até 1952, sob a regência de Luzia Simões, uma ex-aluna de Gazzi de Sá que assumiu todas as suas atividades musicais na Paraíba. Neste ano foi criado o Conservatório de Canto Orfeônico da Paraíba e também foi oficializada a Escola de Música Anthenor Navarro. O recém criado Conservatório funcionava nas dependências da Escola de Música e se manteve até 1963. Isto é um resumo de como aconteceu todo esse processo de ensinamento da música nas escolas de João Pessoa, seguindo o que acontecia no país. Começou em 1932 e encerrou em 1963, no formato ainda dos ensinamentos do Conservatório de Canto Orfeônico, que era responsável pela formação de professores para ensinar nas escolas. Com relação ao movimento orfeônico, sabe-se que com a saída de Villa-Lobos do SEMA e o fim do Estado Novo, as aulas de música começaram a enfraquecer, perdendo muito espaço no contexto escolar. Nesse momento, a atuação do SEMA torna-se menos consistente “em relação à orientação que dava aos professores de música, e a maioria destes, sem esta realimentação diretiva, não soube o que ensinar. Portanto, pouco a pouco, as escolas, principalmente as públicas, foram calando o seu canto” (FUKE, 1991, p. 124). O governo faz mudanças nas leis de ensino com a implantação da Lei de Diretrizes de Bases – LDB, Lei 4024/61(BRASIL, 1961). ”Com a implantação da lei, o Canto Orfeônico criado por Villa-Lobos, passou a ser dado nas escolas como Educação

Musical. Posteriormente essa lei foi reformulada, o Conselho Federal de Educação resolveu substituir a Educação Musical pela Educação Artística ou o ensino de Artes integradas – plástica, cênica e música, conforme ao artigo 7º da lei 5692 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971), sancionada pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici (CUNHA, 1995). Na perspectiva de preparar o professor para o ensino de 1º e 2º graus, o Curso de Educação Artística nas universidades, não conseguiu bons resultados, os alunos não saíam preparados para ensinar as três áreas, quando se deparavam nas escolas tendo que ter um ensino polivalente, só conseguiam lidar com sua área afim.

Uma nova lei em 1996 é reformula, acaba com a nomenclatura de Educação Artística e estabelece o ensino de Artes, com obrigatoriedade curricular em todos os níveis de escolaridade básica. A lei 9394/96 da LDB. A LDB de 1971 instituiu a Educação Artística e a de 1996 foi responsável pelo estabelecimento do Ensino de Arte. Penna (2004a). A criação da Associação Brasileira de Educação Musical – ABEM em 1991 foi de grande importância para as discussões dos educadores musicais, em reflexão sobre as práticas e métodos utilizados, problemática no ensino da música e publicações de textos em suas revistas e anais sobre as mais diversas experiências musicais em diversos meios. Bem como o empenho nos encaminhamentos da ABEM que foi de fundamental importância na luta para conseguir a atual obrigatoriedade da música nas escolas, com a nova Lei 11.769/08, sancionada pelo presidente Luis Inácio Lula da Silva, em 18 de agosto de 2008, que altera o Artigo 26 da Lei 9394/96, acrescentando novos parágrafos que estabelecem a música como “conteúdo obrigatório, mas não exclusivo do componente curricular Artes” (BRASIL, 2008). Apesar da grande conquista e importância para nossa área, sabemos que ela gerou um grande desafio para o sistema educacional brasileiro, pelo curto prazo para sua implementação e levando em consideração a grande dimensão geográfica do país e o pequeno número de professores qualificados para o ensino da música. Desde a promulgação da obrigatoriedade do ensino da música na educação básica em 2008, temos presenciado a abertura de vários concursos específicos para professores de música, bem como a contratação desses profissionais em escolas privadas. Diante de todas essas conquistas, ainda estamos em passos lentos pelos diversos obstáculos que já foram expostos aqui e que ainda precisamos superar. No entanto, sabendo-se que a educação musical é de fundamental importância para o desenvolvimento do ser humano, encontramos na orquestra, através do Departamento de Música, um meio de democratizar a arte para a comunidade, tanto no aspecto de dar oportunidade para participar da orquestra, como de levar até as

crianças e adolescentes à música, proporcionando, em muitos casos, uma grande expectativa, admiração e descoberta, por saber que também podem estudar um instrumento.



Concerto da Orquestra Sinfônica Jovem da UFPB, na Sala de Concerto Radegundis Feitosa – UFPB. Em 13/09/2013.

Para descrevermos metodologicamente, um ensaio da orquestra, podemos dizer que não se utiliza um método específico. O regente utiliza os seus conhecimentos gerais de história da música e seus conhecimentos técnicos dos estudos de regência para que a orquestra execute a obra de acordo com o estilo da música que esteja sendo trabalhada. Já os músicos utilizam os seus conhecimentos individuais adquiridos com o professor e com a leitura prática de diversos métodos específicos para o seu instrumento, para que possam atender ao que o regente solicita. Os ensaios com os jovens são feitos baseados neste princípio, apenas de uma forma mais lenta e bastante repetitiva. No início de um programa, com um repertório novo, os ensaios são feitos separados por naipes: cordas, sopros, metais e percussão. Em geral, as músicas são passadas por cada aluno individualmente. Os ensaios com os jovens são feitos de forma bastante repetitiva, e se desenvolve da seguinte forma: - Ensaios individuais - com o ensino do ritmo, notas e afinação, de cada música. - Ensaios de naipes - com o objetivo de reunir os instrumentos do mesmo naipe, como cordas, sopros, metais e percussão separadamente, pondo em prática os ensinamentos individuais, com a precisão de ritmo e afinação, dando mais segurança ao naipe, principalmente para o momento de reunir com os demais naipes da

orquestra. - Ensaios da orquestra - são os ensaios com todos os instrumentos, ou seja, todos os naipes reunidos, dando um melhor desenvolvimento ao ensaio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A orquestra proporciona aos alunos o conhecimento de um repertório orquestral e cria uma disciplina de estudo que viabiliza o cumprimento do programa de trabalho da orquestra. A relação entre ensino, pesquisa e extensão está bastante inserida neste projeto, a orquestra está composta atualmente pelos alunos instrumentistas de extensão, do Bacharelado e Licenciatura em Música. Há também, alunos de regência que participam regendo na orquestra e de alunos de composição que escrevem arranjos e composições para a orquestra. Há outra modalidade de alunos, de outras áreas que procuram a orquestra, para observar os ensaios como forma de pesquisa e aprendizado, como o exemplo dos alunos de fisioterapia, no semestre 2013.1, que estudavam LER (lesões por esforços repetitivos) e distonia focal, diagnósticos comuns nos músicos. A orquestra também tem se destacado como formadora de platéia, seus concertos têm enchido a sala de concerto. Foi necessário repetir a última apresentação, pela grande quantidade de pessoas que esperavam do lado de fora da Sala esperando para entrar.

REFERÊNCIAS

BENNET, Roy. Uma breve história da música. Trad. Maria Teresa Resende Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

FUKS, Rosa. O Discurso do Silêncio. Rio de Janeiro, RJ: Enelivros, 1991.

HUNSBERGER, Donald, ERNST, Roy E. The art of conducting. McGraw-Hill, Inc. USA, 1992.

MARTINEZ, Emanuel. Regência Coral: Princípios Básicos. Dom Bosco, Curitiba: 2000.

PENNA, Maura. A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: I – analisando a legislação e termos normativos. Revista da Abem, v. 10, p. 19-27, 2004a.

_____. Música(s) e seu Ensino. Sulina: Porto Alegre, 2008b.

SILVA, Luceni Caetano da. Gazzzi de Sá comendo o prelúdio da educação musical da Paraíba: uma história musical da Paraíba nas décadas de 30 a 50. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, 2006.

_____. O canto orfeônico na Paraíba. Claves – Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, n.3, p. 41-53, 2007.

ZANDER, Oscar. Regência Coral. Porto Alegre: Movimento, 1979.